

Gil Santos

REPORTAGEM

gilvan.santos@redebahia.com.br

O esgoto que foi lançado ao mar no Rio Vermelho durante a obra de manutenção na Estação de Condicionamento Prévio (ECP) do Lucaia, ontem, pode levar até sete dias para ser totalmente dissipado e o impacto dessa poluição chega até a praia da Barra. O dado é uma estimativa de especialistas, mas depende do movimento das marés. O Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema) fará testes para verificar a qualidade da água no trecho entre o Buracão e a Barra.

Na tarde de ontem, banhistas aproveitaram o dia de sol e se aglomeraram no Farol da Barra, ignorando os riscos da pandemia e que alguns quilômetros adiante uma quantidade considerável de esgoto tinha sido lançado ao mar. A Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), estatal do governo da Bahia, avisou, na semana passada, que faria uma manutenção na rede e que durante o serviço os efluentes teriam que ser descartados no rio que deságua na praia.

O serviço durou 9h e foi encerrado por volta das 5h30. A água escura e de forte cheiro dominou a paisagem ao lado do antigo Mercado do Peixe nas primeiras horas após a manutenção e moradores reclamaram do odor. A Embasa explicou que o esgoto foi tratado antes de ser liberado e que vai monitorar a região. A orientação é para que os banhistas evitem o banho de mar nas 48h após o serviço e aguardar as orientações do Inema.

Pesquisadores afirmam que a limpeza da praia vai depender da quantidade de efluentes liberados e da intensidade das marés, mas não acreditam que em dois dias o ambiente estará inteiramente limpo. O professor de oceanografia biológica da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Igor Cruz, contou que como os resíduos foram lançados em uma área de mar aberto os impactos serão menores que em águas abrigadas, mas que ainda assim serão sentidos durante alguns dias.

“O esgoto aumenta a quantidade de bactérias no mar, e para consumir a matéria orgânica elas vão usar o oxigênio da água. Então, de-

Esgoto foi lançado no Rio Vermelho. Condição da maré vai determinar o tempo exato para a limpeza do trecho



Praia proibida para banho por sete dias

Manutenção deixa resquícios de esgoto no mar entre a Barra e o Rio Vermelho

pendendo da quantidade que foi descartada pode haver uma situação abnóxia, o que levaria a mortandade de alguns organismos. Como esse não é um problema crônico, foi uma questão pontual, então, em até uma semana a situação deve estar normalizada. O impacto é grande, mas passageiro”, disse.

SEM BANHO DE MAR

A Embasa afirma que o efluente liberado recebeu biorremediador, responsável

por degradar a matéria orgânica e evitar o consumo de oxigênio do oceano. A estação que passou pelas intervenções é uma das maiores de Norte e Nordeste e responsável por retirar sólidos grossos e partículas finas de cerca de 73% do esgoto de Salvador, que é despejado a 3 km da costa, através de uma tubulação subaquática e em uma profundidade de 27 metros.

O esgoto também é liberado de forma dissipada, por várias esferas, para minimi-

zar a degradação ambiental. O que mudou foi que, durante as 9h da obra, a sujeira foi liberada muito próximo da praia e por isso o banho de mar deve ser evitado nesse trecho nos próximos dias.

O doutor em estudos sobre Meio Ambiente e professor da UniFTC, Anderson Alves, orienta a população a redobrar os cuidados. Ele contou que mesmo quando a água parece limpa a olho nu isso não significa que o ambiente esteja seguro para banho.

A Embasa explicou que o esgoto foi tratado antes de ser liberado e que vai monitorar a região.

“A formação da pluma (cor escura) é um processo de mistura química e fica evidente porque a densidade entre o esgoto tratado e a água do mar é diferente. Os efluentes são mais leves e por isso ficam em cima. Mas à medida que as substâncias se misturam com a água acontece a autodepuração, a dissolução desse material. Isso vai levar alguns dias, e somente com testes é possível dizer quando a água estará própria para banho”, contou.

MANUTENÇÃO

O serviço realizado não é comum, mas foi necessário. O superintendente de Esgotamento Sanitário da Embasa, Flávio Lordello, contou que a estação foi paralisada para reparar um vazamento identificado em uma das estruturas de bombeamento. Eles aproveitaram a parada obrigatória para trocar alguns equipamentos que estavam obsoletos.

O local recebe 8 metros cúbicos de esgoto por segundo e opera com 100% da capacidade durante o dia. “A escolha de fazer o serviço a noite foi uma estratégia porque nesse horário ela opera com apenas um terço da capacidade, e é preciso deixar claro que o esgoto despejado não estava cru. Ele foi tratado para minimizar os impactos”, disse.

Flávio contou que a Embasa conversou com as associações de moradores, com as colônias de pescadores e fez panfletagem nos estabelecimentos comerciais entre o Rio Vermelho e a Barra para alertar sobre o serviço na rede e a necessidade de evitar o contato com o mar nos próximos dias.

Procurado, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) informou que a ação seria acompanhada pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), que fez recomendações para a Embasa nos dias 26 de julho e 6 de agosto, e vai aguardar os resultados dos testes para se pronunciar.

Dermatologista fala sobre riscos da água contaminada

Docente e membro do núcleo pedagógico do curso de medicina da UNIFACS, a dermatologista Naila Nunes afirma que é necessária uma exposição prolongada e/ou frequente à água contaminada para sofrer com problemas como dermatite ou micose, por exemplo. Ainda de acordo

com a especialista, o contato com essa água, mesmo que diluída no mar, pode provocar infecções na pele de quem, por exemplo, tiver algum ferimento.

“É um material tóxico ao contato com a pele e deve ser evitado, mesmo que esteja forma diluída na água”, afir-

ma. Naila chama atenção para banhistas e, principalmente, pescadores – estes por terem contato prolongado com a água do mar. “Pessoas que trabalham no mar, naturalmente acabam mais expostas a esses problemas”, completa.

Dermatologista e professora da UniFTC, Larissa Ca-

minha explica que há riscos em contato tanto em água doce quanto salgada e os principais agentes nocivos são a bactéria que causa a Leptospirose, o verme que causa a Esquistossomose e o verme que causa a Larva Migrans, que se prolifera na areia de praias poluídas. Ou-

tros microorganismos vão ser ingeridos acidentalmente podendo causar diarreia, amebíase, hepatite A e verminoses.

“A pele irritada pode evoluir com eczemas e infecções. Olhos e ouvidos também podem ser atingidos e gerar conjuntivite e otite”, explica.